Inquisição

A vida de Estrela

Thamy Tainã



Dedico a todos os irmãos e inocentes que foram vítimas da cruel inquisição. Desejo que estejam em paz. Com amor e estima para Maeli, minha amiga irmã.

Escrevi isto para que saibam que nem todas eram amantes do Diabo. Para que saibam que sangue inocente fizeram verter como um rio impetuoso, e vejam que em seus caminhos de miséria e degradação destruíram vidas que eram sagradas, como tudo o que é vivo. Para que saibam que nós sabemos que elas passaram por aqui.

Em memória de muitos filhos, pais, irmãos, esposas e esposos.

Índice

1- Nota histórica 06
2- Trevas 09
3- Dom Maravilhoso....20
4- Encanto 39
5- Sacrilégio 71
6- Purificação 89
7- Malleus Maleficarum 115
8- Tua voz 141
9- Queimem a Buxa 167
10- Sangue Inocente 201
11- Luz 216
12- Uma canção para Dan 227
13- Resurrectione 262
14- Veni, Veni Emmanuel 277
15- Fontes 279

À feiticeira não deixarás viver.

(Exódo 22.18)

Nota histórica

Bem se sabe, e assim foi escrito, que a Inquisição (Idade Média à Moderna) não se instalou na Inglaterra, contudo, decidi usá-la como cenário por seus ares lúgubres e medievais. A ordem dos acontecimentos também não segue a sequência cronológica dos fatos.

O tribunal do Santo Ofício teve apoio na Alemanha, Suécia, França, Portugal e Espanha; no entanto, apesar da rejeição inglesa aos métodos inquisitivos (ao menos até a reforma protestante), sempre houve medidas de precaução em respeito aos povos pagões, hereges e rebeldes. Anos mais tarde o acontecimento que corroborou a causa da inquisição fora a famosa *Caça às Bruxas* por toda a Europa e além.

Com a onda de superstições e violência, o caus instalou-se. A Igreja como detentora de poder (em pé de igualdade somente com a monarquia), era a ditadora de regras e leis comumente aceitas na sociedade antiga. Podemos dizer assim que a "Caça às Bruxas" fora a Inquisição com outro titulo, todavia muito fiel aos preceitos do Santo Oficio. Assim sendo, o cenário escolhido é bem posto.

Tomo a imaginação por argumento e corroboro-a com a liberdade literária para trazer para fora uma história baseada em realidade, superstição, poder, medo e sensibilidade.
Seja bem vindo.

T. T.

Ilustrações da autora.

Esta é uma história de fé.

Se não tens fé, não vale à pena continuar.

Trevas

"Vá meu livro, pelo mundo,
meu Vale de crenças mortas,
e bata todas as portas,
desde a choupana ao palácio.
E diga sorrindo ao nobre,
que é de origem tão pobre,
que até nasceu sem prefácio..."
(A. P. dos Santos)

Houve uma época em que tudo estava em trevas.
Em umas das eras negras da humanidade e a única luz a seguir era a santa Igreja. Para os que a rejeitassem só haveria o caminho da morte.

Por séculos a perseguição aos hereges, bruxas e rebeldes veio sobre a Europa como um negro véu de temor e desconfiança tentando, de alguma forma, ser suprimida pelas autoridades aparentando uma ordem que não existia. Esperavam não ver na Inglaterra o mesmo que na França e derredor.

Tempos árduos para todos, havia aquela epidemia de medo e pavor coletivo, tudo tinha um aspecto ameaçador e medonho. Os vilarejos pareciam desertos, vilas, cidades e comércios sempre em alerta, aterrorizados. O próprio Clero guardava desconfianças e suspeitas entre os da nobreza. Ninguém estava isento de acusações, pois qualquer caso (por menor que fosse) poderia ser considerado uma heresia perniciosa contra os fieis dogmas da Igreja e certamente seria punido como tal, sendo entregue ao tribunal eclesiástico (que eles diziam utilizar apenas em casos extremos) tendo seus inquisidores prudentes e sempre fervorosos em manter limpos os quatro cantos do país da infeliz ameaça nefanda que eram hereges, feiticeiros e suas práticas nocivas e funestas.

Ela nascera naquele tempo escuro e sórdido, distinta em todos os aspectos de uma mulher comum. Foi-lhe dado, não se sabia por que, em período tão obscuro, dons especiais, tão excelentes e únicos, que sua mãe achou por bem criá-la longe do vilarejo de Sherville, que pertencia ao condado de Castlebridge. Certamente que todos suspeitariam de coisas que nunca existiram, diriam que ela seria o fruto de um ato libidinoso da mãe com o próprio diabo ou algo semelhante. A época era algoz.

Ciente de tudo o que poderia passar devido uma gravidez inesperada e fora dos costumes e leis, a jovem Meredith Monthegard, vendo-se obrigada pelas circunstancias, decidira refugiar-se com sua mãe na floresta para aguardar a chegada da criança, em segredo.

Os vinte e um anos correram depressa, a velha senhora Morian nem percebera que passaram quando via a neta, Nelwen. Cada vez que a olhava sentia-se obrigada a questionar-se por tantas coisas, as velhas questões que ainda não tinham resposta.

Morian permitia que ela fosse buscar as ervas para o preparo de oléos, remédios e especiarias naturais que precisavam para o dia a dia. Já vira tantas vezes a avó manusear as ervas, que poderia distingui-las apenas pelo cheiro.

Nelwen cruzava a clareira do sombrio bosque com a velha cesta em mãos, para procurar as plantas preciosas. Caminhava sempre a se perguntar o porquê de tantos segredos em torno de sua vida. Ocupava os dias com estes pensamentos. Desejava conhecer aquele lugar cheio de luzes que via da mais alta árvore nas noites de claro luar; desejava ouvir de perto as melodias que faziam todos dançarem em harmonia e suavidade de movimentos em noites festivas; desejava por um segundo ter um daqueles olhares fascinados daqueles jovens para com as donzelas do lugar sobre si; desejava e era só.

Por que não podia ir? Que mal tinha em apenas aproximar-se um pouco mais? Sua avó falava-lhe sem precisar pronunciar uma palavra se quer, como se lêsse aqueles seus olhos verdes escurissímos que brilhavam em contraste com aquela pele cor de pêssego maduro, que aquele mundo a elas jamais pertenceria. Eram apenas luzes ilusórias que surgiam por momentos e breve se acabariam com o romper da manhã... Com poucas palavras consolava-lhe como podia, para não dizer-lhe que não seria bem vinda lá jamais.

Nelwen palmilhava as trilhas escuras e frias. Já acostumarasse com tudo ali, pois era seu lar e refúgio. Ouvira atenta desde criança sua avó e a mãe contarem o que acontecia com as mulheres que fossem pegas sozinhas vagando por aí, a quem eles chamavam de bruxas, feiticeiras ou proscritos. O castigo para as tais era nada menos que uma ardente e cruel fogueira, (ou a forca), por que para aquele mal, apenas o fogo havia como purificação.

O imenso bosque próximo ao vilarejo de Sherville era uma caixa de segredos devido aos seus inóspitos habitantes. Um lugar que exigia cuidados em seus caminhos, e certamente um labirinto para almas que lá se aventurassem. Era escura e toldada por árvores de aspecto ameaçador, contudo a quem passava pela estrada que ficava do lado de fora, parecia meramente um daqueles lugares agourentos. A estrada era temida, mas era a única que poderia ser usada para se chegar mais depressa à Winchester e outros lugares. Disto Nelwen não sabia, pois jamais fora tão além de Sherville.

Nelwen não era uma bruxa, nem rebelde ou herege, tão pouco sua mãe e avó, e muito embora essa fosse a verdade, não seria o suficiente para defender-se ante acusações dos viajantes e aldeões assustados que perambulassem por lá e a vissem. Ela tinha a graça divina de passear entre o caos a sua volta, como se este nem ao menos existisse, podia fazer isto ao entoar uma simples melodia; era uma dádiva, algo que lhe fora dado não se sabia para quê, apenas foi e isso utilizava muito bem.

Naquela manhã tão fria a névoa ainda espessa esperava que os mirrados raios do sol a dispersassem pelos ares quando ela cruzava a velha clareira trazendo em sua cesta as plantas preciosas para a avó. Como desde cedo aprendera a despertar com a luz da aurora, não incomodava-se em fazer esta tarefa.

O vento gélido e ululante daquele amanhecer soprava em sua face de modo diferente naquele dia, parecia anunciar que algo aconteceria. Tudo para Nelwen poderia ser um sinal, por que ao contrário do que ouvia dos andantes das estradas á respeito de quem vivia na floresta ser nada mais que excomungados da igreja e proscritos, ela sabia bem que Deus está em tudo o que Ele criou, e certamente fala-

va com ela também naquele bosque escuro e frio através do que nele havia.

Aquele som aproximava-se cobrindo o canto suave e manso que ela cantarolava para si mesma; a moça parou para ouvir enquanto o vento ainda soprava ininterrupto na longa cabeleira desalinhada, o vestido velho e desajeitado dançava à sua volta revelando a fissura no tecido gasto, que ia de baixo para cima quase até a cintura expondo as longas pernas esguias. A visão seria, para qualquer homem de "moral e respeito", uma forma de afronta aos bons costumes; para Nelwen era o que menos lhe preocupava no momento, que alguém a visse. Queria apenas saber de onde vinham os galopes e gritos que se aproximavam cada vez mais.

Sir Adam procurava desviar-se de seus adversários, estes, todavia, firmavam-se em seus calcanhares preparando o golpe final. Fora um tanto difícil abrir passagem por aquelas trilhas fechadas, mas a despeito disso, ele conseguiu enxergar a luz que vinha da clareira. "Talvez, pensou, seja o final do bosque e a saída para a estrada", e de lá para o vilarejo não seria tanto mais; poderia encontrar auxílio, pois estava ferido.

Sentiu os olhos pesarem, imaginou se seria aquele seu fim; seria um bom final, pois quê, apesar de jovem já fora condecorado um cavaleiro e tinha muitas vitórias a contar; era celebrado e sempre havia alguém que cantasse seus atos heróicos servindo o reino; ganhou muito ouro, prestígio, entre tantas coisas que qualquer homem quisera ter. Mas não obstante tudo isto, não teve o que mais desejou: alguém que o cativasse inteiramente; pois apesar de todas as mulheres que lhe cercavam e desejavam, sentia-se só, jamais satisfeito, jamais completo.

Nelwen fora como uma alucinação que aparecera do nada, a imagem perfeita de algo que ele buscara durante toda sua vida e ali, em momento tão inoportuno, encontrou enfim. O vento parecia brincar em leves sopros regelados e ela não se movia, seus pés descalços revelavam uma singeleza profunda, as roupas em trapos falavam por si que era nada se não uma humilde camponesa perdida por, mas foi ao aproximar-se, ao encará-la de perto que pôde comprovar, ela era diferente de tudo o que já vira, principalmente encarando aqueles olhos verde de esmeralda; eles o encaravam tão profundamente que

estava certo de estarem examinando sua alma nua. Desconcentrou-se e pendeu para o lado, os olhos outrora tão ávidos tornaram-se sonolentos e pesados, estava desfalecendo, tombou abandonando-se na relva molhada e fria.

Nelwen ainda olhava esperando qualquer coisa que lhe desse a certeza de que não estava a sonhar, de que algo parecido poderia sim acontecer a qualquer hora e dia, e com ela, naquele lugar, e aconteceu, como um sinal vindo dos céus, algo escrito há muito mais tempo nas linhas eternas! Começaria enfim sua vida.

Sir Adam admirou a moça que examinava-o de igual modo, era bonita. Ela dizia a si mesma que nunca vira um mancebo tão formoso, muito embora tivesse visto pouquíssimos na vida toda. Voltou-se para escutar os trotes que vinham rápidos e pujantes no mesmo caminho; foi para o jovem que um pouco depois sentiu as mãos frágeis tentando puxá-lo pela armadura para dentro das sombras do bosque. Nelwen percebera que não era momento para observá-lo, e sim tentar tirá-lo dali o quanto antes. Os olhos do Sir percorriam as copas altas enquanto sentia as mãos frágeis agarrando-lhe com força para arrastá-lo mais rápido! Ali seria difícil para qualquer um encontrá-los, não fossem os rastros que deixaram pelo caminho.

Apenas uma cesta com plantas largada, era o que tinha na clareira, e se não pelos indícios de que alguém arrastara-se ali com toda aquela terra remexida, certamente teriam parado e voltado pelo mesmo caminho. Por certo que abandonara a montaria para embrenhar-se com mais facilidade ás sombras do bosque, pensaram, e seria mais fácil ainda apanhá-lo e matá-lo lá dentro, já que estava ferido. Seguiram a pista.

Nelwen recostou o garboso jovem numa das rochas próximas à pequena corredeira do riacho à frente; até mesmo aquele lugar tão sombrio tinha sua beleza encoberta sem os raios do sol para alumiá-lo. Para ela não fazia muita diferença, aquele era seu lar e o amava como era. Adam encarou-a enquanto ela apalpava-lhe o peito em busca do ferimento, gemeu ao sentir que encontrara. Observou a adorável criatura tirar-lhe a roupa de metal; suas mãos não pesavam nem um pouco, eram leves e ágeis. Percebeu que não falara nenhuma palavra desde o encontro, nem ela também. Quem ousaria quebrar aquele encanto?

- É melhor que me deixes e te vás, - ele falou arfando. – logo estarão aqui e se a virem...

- Poupa tuas forças, – Nelwen atalhou dando-lhe a impressão de haver cantado as palavras. Ele lutou para impedir um sorriso em hora tão imprópria. A moça olhou em volta pensando que logo eles chegariam, de imediato maquinou um plano. Ora, não poderiam ir mais longe com o moço daquela maneira, então, teriam de tentar escapar como podiam, usando a astúcia.

Quando chegaram ao fim dos rastros, os mercenários não viram nada de incomum no lugar se não uma jovem refrescando-se nas águas correntes da pequena corredeira que desaguavam num belo e plácido riacho logo à frente, uma bela miragem; parecia um ser encantado que fazia parte paisagem natural, e não fosse algo um tanto estranho, teria passado despercebido. Um cutucara o outro murmurando entre dentes a palavra *bruxa*. Nelwen olhou-os de soslaio e levantou-se, foi até a relva e espremeu seus trapos molhados. Cada movimento da jovem adorável parecia parte de uma dança inebriante, aparentemente inocente, ainda sim atraente, sedutora.

- Alto! – ordenou um dos homens erguendo a espada. – Onde está o cavaleiro ferido?

- Fala menina! - o outro retrucou perturbado com seu silêncio. – Perdeste a língua? - Os olhos escuros examinaram as faces dos homens que pareciam queimar cada vez que a contemplavam, desejos que lhes consumiam por dentro. Ela se riu pensando na fraqueza do coração dos homens, como sempre lhe contava sua avó.

- Responda logo! – insistiram. Nelwen abriu a boca deixando escapar o som em forma de ária, límpido, cheio de placidez, parecia lavar cada recanto das almas de quem ouvia como se fosse uma onda mansa e tranquila, uma mistura de brandura e pureza com um leve toque, imperceptível, de malícia. Deu-lhes uma sensação de dormência, tal qual um entorpecente ingerido há poucos segundos. As mãos da moça moviam-se em leves movimentos hipnóticos involuntários, fazendo com que a ação tivesse um peso ainda maior. De repente já não viam mais nada, caídos num tipo de transe, uma sonolência incontrolável que não lhes permitiu ouvir os passos nada sutis de Adam a aproximar-se deles com a espada em punhos. Fora a primeira vez

que Nelwen vira homens morrerem, inda que não tivessem visto ou sentido absolutamente nada. Adam cravou-lhes a espada rápido e indolor; estavam tão perdidos no sono que não se aperceberam da lâmina a atravessar-lhes; caíram prostrados aos pés da moça ainda perplexa com a visão.

O Sir apoiou-se no cabo da espada e com a outra mão segurou nas costelas, certamente quebradas, pois sentia uma dor insuportável. Nelwen passou por entre os corpos pisando nas pontas dos pés com cuidado, foi para o cavaleiro sustentando-o sobre seu próprio ombro, ele recebeu a ajuda e se foi com ela em plena confiança á guiá-lo pela escuridão da floresta.

Meredith perguntava-se por onde andava a filha que demorava tanto a voltar. Morian, sábia, acalmava-lhe dizendo que certamente estava a borboletear pelas encostas como sempre fazia, mas esperavam que não se afastasse muito; ela sabia que era proibido ir para a parte mais escura do bosque, sempre soube desde menina. Lá viviam refugiadas nas trevas bruxas, feiticeiras, agoureiras e toda sorte de gente que vivia a buscar conhecimento oculto e outros para que pudessem aliciar em suas práticas perversas; também ladrões e malfeitores lá se escondiam das autoridades. As Monthegard, por sua vez, viviam do outro lado juntamente com os que por motivos injustos foram banidos da convivência com o restante das gentes das vilas, e na maior parte das vezes caçados por inquisidores, sabiam que poderia ser devido a algum fato de suas vidas com o qual muitos lhes poderiam acusar, ou por muitas vezes motivos banais, insignificantes.

O tempo corria e Adam já não sabia se era dia ou já a hora das trevas (entardecer), o que naquele lugar era arriscado, mas ele estava mergulhado nos olhos de Nelwen. Ela cuidava de seu ferimento depois de levá-lo para um lugar seguro, um tipo de gruta cujo um córrego cortava por dentro, o que foi de grande ajuda para limpar todo o sangue e fazer compressas limpas. Ela usou ervas que pegara no caminho, poderiam ser veneno em alta dosagem, porém, sabia bem como usá-las graças a sua avó, Morian.

- Teu nome, – ele falou como se necessitasse mais da informação do que dos cuidados. Ela olhou em seus olhos já pesados, eram verdes também, num tom diferente dos seus, luminosos, vivos como

águas dum riacho cristalino. Pensou se deveria dizer-lhe qualquer coisa para aquietar-lhe:

- Nelwen Monthegard.

- Nelwen... – repetiu ainda suspenso em encanto. – O que significa?

- Algo a ver com estrela e sinos, não sei bem. E tu...?

- Podes adivinhar? – Ele sorriu segurando-lhe a mão frígida.

Os olhos da moça encararam os dele, assustados, apavorados. Ele deveria estar a pensar tantas coisas sobre ela, "certamente não escaparia de um prévio julgamento de sua parte", pensou consigo mesma.

- Não sou adivinha senhor, – respondeu em contido nervosismo. Ele riu-se.

- E quem disse isto? – perguntou em descontração sedutora. – Te assustei, perdoa-me. Sou Sir. Adam Blake, filho de William Blake.

- Adam Blake. – ela repetiu descartando o "Sir" e qualquer outro título, como se estes não lhe fizessem a mínima diferença, e não faziam; para ela importava apenas a pessoa por trás de toda aquela altivez que desejava impressioná-la de todas as maneiras, isto ele também notou.

- Que fazias vagando pela floresta sozinha?

(...)

- Pareces um bichinho assustado, - falou tocando-lhe a mão, ela recuou. – Não vou te fazer mal, moça. Quero apenas saber como posso recompensar minha salvadora. A propósito, como fizeste aquilo... Aquilo que aconteceu aos soldados?

- Não fiz nada, apenas chamei-lhes a atenção.

- Apenas chamaste a atenção?! – Indagou admirado. – Pelo rei, mulher! Se assim fosse eu também teria parado como eles!

- Minha intenção era para com eles, não contigo. – Nelwen explicou com simplicidade.

Foram horas á fio de conversa, ela não conversava com gente de fora do bosque há muito tempo e ele parecia saído de outro mundo, além daquele no qual vivia reclusa e encoberta. Vinha de longe, enviado pelo rei para auxiliar em assuntos do reino, saber notícias do priorado de Sherville, de conflitos entre rebeldes e traidores da coroa; enfim, estava como tantos outros, envolvido na grande teia que

era a nobreza, a cavalaria e o clero; servia-os com sua vida e era tudo o que importava. Vinha de uma família rica, dona de muitas posses que perdera tudo há alguns anos atrás; restituir tudo o que pertencera a seu pai fora sua maior meta até então. Depois de cumprida, graças aos espolios das pelejas que vencera, dedicou-se unicamente a atender as necessidades do reino e servir ao rei. Mas aqueles momentos na presença de Nelwen fizeram-no rever conceitos que dantes lhe tinham outros aspectos, coisas que aprendera desde menino. Sua formação moral dizia que um homem é apenas aquilo que conquista ou pode conquistar, e se nada tem não é nada, mas ela cria sem sombra de dúvidas em algo bem maior:

- Então, vives aqui desde menina? – Ele investigou.

- Desde que eu me lembre. Viemos para a floresta pouco antes de eu nascer e jamais voltamos para Sherville novamente.

- E por quê? Tua mão e avó temiam alguma coisa?

- Quando minha mãe descobriu que me esperava temeu que fosse acusada pelo tribunal de algum ato de bruxaria, era uma época difícil.

- E ainda é.

Ela assentiu com a cabeça.

- Também pelo fato de que minha avó estava sob investigação. Como eu disse, ela é uma mulher sábia, conhecedora das ervas e segredos medicinais através de plantas e isso seria o suficiente para ser acusada de bruxaria. Não somos feiticeiras, apenas conhecedoras de ervas e remédios dados pela própria terra, e não compreendendo isto eles nos julgam e nos tratam por amantes do diabo, detentoras de malignidades, que disparate!

- Jamais vi por este lado, – o Sir concluiu desviando dela o olhar incógnito.

- Ninguém vê. Por fim eles realmente a acusaram dizendo que eu era fruto de uma relação impudica e profana entre Meredith Monthegard com o demônio, e no dia em que as caçaram já estavam distantes, nas entranhas da floresta; este lugar que a tantos causa pânico nos abrigou e deu-nos morada, alimento, remédio e tudo mais quanto precisassemos.

- Nunca fostes ao vilarejo?

- Algumas vezes, com minha avó quando eu era mais nova. Íamos disfarçadas, pois certamente seriamos reconhecidas pelos moradores mais velhos.

- Quanto a teu pai...?

- Meu pai...? – Indagou pensativa. – Jamais soube quem era. Minha mãe dizia ser um viajante que certa vez passara no vilarejo apenas para deixar-me para ela. Apesar de tudo, ela não guarda mágoas, diz que eu sanei toda dor e abrandei todo remorso quando nasci.

- Pareces não acreditar nisto, – ele falou tentando olhar seus olhos que baixaram ao chão.

- Elas vivem isoladas por minha causa, eu sei disto. Abriram mão de tudo para que eu vivesse.

- Não é bem assim. Se já estavam na eminência de uma acusação não tens culpa de algo que aconteceria cedo ou tarde.

- Mas eu fui a gota que fez o cálice transbordar. Em todo caso, tomo para mim esta responsabilidade.

- Tolice.

Ela encarou-o com um movimento célere e reprovador. Adam escorou-se no ombro e sorriu de viés, como se aquilo não fosse problema sem solução.

- Meus conflitos são bem pequenos ante os teus para zombares assim, não?

- Não, não estou zombando, é que...

- Deva ser que sim. No entanto saibas que os teus tem por resposta violência e degradação, e os meus pedem profundidade e inteireza para poder encarar a mim mesma, por que os verdadeiros conflitos e vitórias acontecem aqui dentro, – disse batendo no peito.

- Escuta, - ele segurou-lhe a mão trêmula, por que deixou-a um tanto alterada. – Eu não quis ofender-te, estou apenas tentando dizer que podes resolver se quiseres.

Os olhos de Nelwen reviraram-se até encontrarem os dele novamente pedindo uma explicação mais clara.

- Tua voz... – Adam tocou-lhe a garganta com o dedo suavemente. – Esta tua voz incomparável poderia dar-te bem mais do que podes imaginar! Nem imaginas quantas pessoas pagariam para ouvir-te cantar ao menos por um pouco e o quanto ganharias com isto, o

suficiente para dar á tua mãe e avó uma vida confortável e sem preocupações como jamais imaginaram! Que dizes?

(...)

O silêncio dela o incomodou.

- Ahhhh, - ele guinchou. – vais dizer que nunca pensaste em dar a elas tudo o que sonharam um dia ter?

- Todos os dias de minha vida, – respondeu acanhadamente.

A conversa encerrou-se por ali, deixando na cabeça da jovem algumas interrogações que dantes não pareciam tão claras. Ele contou-lhe sobre um mundo que ela jamais pensara que existisse, onde não havia inquisidores nem caçadores, onde a igreja era um lugar de refúgio e consolo para todos e onde havia honra e dignidade para todos. É claro que isto estava apenas em sua mente ingênua.

- Amanhã levar-te-ei próximo ao vilarejo de Sherville e estarás à salvo de teus perseguidores, é o que posso fazer. Agora me vou...

Antes de erguer-se ele segurou-lhe a mão, estava febril.

- Vais me deixar neste lugar sozinho?!

- Estás com medo de ficar só? – Ela riu-se.

- Sem ti...

Os olhos de Nelwen estavam nos do jovem Sir; parecia um menino perdido na floresta, não poderia deixá-lo lá com medo, nem poderia deixar de ir para casa, sua mãe estava decerto preocupada, mas aquilo era tão urgente e inadiável que dizer-lhe não seria até mesmo cruel de sua parte. Ela sorriu e arrumou a capa que lhe protegia do frio, assentou-se para que seu colo lhe servisse de apoio. Logo ele adormeceu. Não era ameaça alguma naquele estado, ela sabia e ele também; então esperariam as trevas passarem juntos.



Dom Maravilhoso

"Eu gosto de ti... destes teus anseios...
Destes teus olhos ternos e serenos,
Do mariscar de teus pezinhos pequenos
Machucando a minha alma em teus passeios."
(A. P. dos Santos)

O dia nem rompera quando Nelwen despertou tendo abraçado a si o rapaz. Fora espantoso pensar ter sido um sonho e ao despertar vê-lo lá tão real quanto antes, e certamente teria de dar uma boa explicação quando chegasse em casa. Vovó Morian deveria olhá-la com aqueles olhos azuis repreensivos enquanto sua mãe estivesse despejando sobre ela a velha falação conhecida de como era perigoso estar na floresta à noite.

Preparou-se para ouvir tudo e sabia que se fosse para casa não poderia voltar depois, então decidiu ajudá-lo a chegar ao vilarejo antes; talvez depois jamais tornasse a vê-lo novamente; ele se tornaria uma boa lembrança em sua vida tranquila e resguardada no bosque.

- Consegues te levantar? – Nelwen perguntou-lhe enquanto ele acabava de despertar.

- Acredito que estou melhor, - segurou-lhe a mão delicadamente. – graças aos teus cuidados. – ela sorriu retribuindo.

- Pois bem. Vem, que vamos agora mesmo para Sherville. Se tivermos sorte chegaremos antes dos raios da manhã clarearem tudo.

- E mais sorte ainda se encontrarmos vagando por aí minha montaria; - ele se riu tentando erguer-se.

- Está perto daqui a pastar; não escutas os barulhos dos cascos na relva fofa? Adam concordou meneando a cabeça. Sorriu dando-lhe razão.

Ele guiava o cavalo amparado pelos braços de Nelwen. Logo chegariam ao vilarejo e poderia ser tratado com os devidos cuidados, e

certamente precisava de muito mais que ervas e compressas feitas ás pressas.

Nelwen guardava a preocupação de ser vista pelo povo de Sherville e de alguma forma reconhecida, algo que sempre a assombrara, inda que desnecessário; afinal, ela era já uma moça feita, seria quase improvável que qualquer um a reconhecesse aquelas alturas.

Sir Adam sentia que cada passo que davam afastando-se do bosque fazia a respiração da jovem ofegar. Ele não queria que sua heroína ficasse incomodada, pois pensava consigo que se ela gostasse de Sherville poderia sempre ir vê-lo dali para frente.

Quando ficava nervosa e inquieta Nelwen sibilava qualquer melodia que lhe vinha à mente para acalmar-se, mas não percebera que o moço ouvia atentamente, um tanto quanto inebriado e banhado em contentamento, o baixo canto. Sim, ele pensava consigo, uma voz assim deveria ser dividida com todos, com o mundo inteiro.

Sherville estava agitada naquele dia, o lugar preparava-se para receber visitas ilustres. Alguns frades de longe passavam para conferir assuntos relativos ao priorado. Certamente o prior e os monges aguardavam ansiosos, e já haviam mobilizado o lugar inteiro para que os visitantes tivessem uma impressão única do ambiente. Talvez dessa forma os de alto posto pudessem por fim notar que Sherville era um lugar que necessitava de cuidados e atenção redobrada, principalmente no que dizia respeito aos boatos que vinham perturbando a muitos nos ultimos tempos: rebeldes e bruxas; era algo que deixava a população em polvorosa. Além do mais, o pequeno vilarejo, na verdade pertencia ao priorado de Sherville e não o contrário.

Ao passarem para os limites de Sherville, Nelwen sentiu em absoluto que já não estava mais em casa. Podia sentir sempre que olhava para alguém que com eles cruzavam na estrada; aqueles olhos assustados deixavam-na mais apreensiva e preocupada, sempre recordando os conselhos e recomendações das mães sobre nunca ir ao vilarejo. Soube que aquela gente de fato não era em nada amistosa e nem esforçava-se por mostrar o contrario. Claro, depois de tantas coisas tinham de realmente manter-se com os olhos bem abertos para qualquer evento que pudesse parecer suspeito, e uma jovem fo-

rasteira chegando com Sir Adam ferido à cavalo parecia mesmo algo demasiado estranho.

Os homens próximos á entrada foram imediatamente para Adam ao vê-lo; pareciam cavaleiros iguais á ele, dois senhores, um deles robusto e o outro um pouco mais velho com uma bela cabeleira ruiva, sorriram sustentando-o enquanto chamavam quem estivesse por perto para acudir; diziam que haviam o procurado por toda a noite quando perceberam sua demora a chegar, e perguntavam por onde havia andado e como havia escapado da floresta; a todas as perguntas ele respondia sempre com um dócil olhar discreto para Nelwen que recuava cada vez mais esperando uma chance de sair correndo e regressar para o bosque.

Ela fora notada apenas por algumas das senhoras que cedo faziam suas tarefas costumeiras, estas perguntavam entre si quem seria, e que apesar da aparência andrajosa era uma bela jovem. Logo ela já não conseguia achegar-se ao jovem Sir cercado de gente a ajudar-lhe por todos os lados; diziam-lhe que seu pai o aguardava, mas antes o prior lhe desejava falar sobre as mensagens que trazia.

Fora por estas horas que a comitiva adentrou Sherville. Os frades com seus longos habitos escuros de ar severo e incompassível, de cabeças cobertas por capuzes fechados espalhavam por toda atmosféra autoritarismo e temor. Um deles ia à frente por guia e responsável, não tinha cara de muitos amigos, tão pouco importava-se com o fato, estava em missão e isto era tudo que realmente importava. Um forte arrepio percorreu da planta dos pés à raiz dos longos cabelos de Nelwen; ela sentiu todo seu sangue gelar nas veias, sua única reação fora esconder-se por trás do povo que aglomerava-se cada vez mais para receber os santos homens dentre os quais poderia sem dúvida esconder-se um inquisidor sádico.

Nelwen observava afastando-se sem se importar em esbarrar nas coisas a sua volta; queria apenas um lugar seguro para esconder-se, pois certamente atrairia a atenção de alguém com tanto nervosismo sem motivos. Sabia consigo mesma que nada fizera, mas se fosse acusada quem diria o contrário?

Sir Adam procurou por ela, porém não encontrava, havia a perdido entre o povo. Tentou afastar-se para procurar, mas os frades lhe tomavam a atenção, ansiosos pelas notícias que á ele foram confia-

das pelo Clero por pedido do rei. Sentiu-se incapaz de fazer as duas coisas, pois, excedendo sua preocupação com qualquer outro assunto, despertaria desconfiança de que algo pudesse o estar perturbando e isto levaria à Nelwen.

O prior John que era responsável pelo priorado deu início a um belo e curto discurso de boas vindas, e enquanto todos prestavam honras aos sacerdotes com atenção, Nelwen aproveitara para esconder-se em qualquer lugar que estivesse vazio. Esperaria os ânimos se acalmarem para poder sumir dali, voltar para o bosque e desculpar-se com sua mãe e avó, tudo isto graças ao susto que estava passando.

Aquele lugar, imponente, de ar sereno atraiu a atenção dela, como uma força que puxa. Nelwen sentia suas pernas caminharem para a igreja em pedra trabalhada num impulso involuntário; “talvez Deus me queira esconder aqui”, pensou. Seguiu deixando-se conduzir. A quietude do lugar fez a moça relaxar de uma vez, desprendendo-se de qualquer coisa que antes a perturbara.

Onde estavam os juízes? Onde estava o caminho para casa? Tudo sumira. Pela primeira vez desde que saíra do bosque sentiu-se protegida, como se as sombras da floresta ainda a acobertassem. Era lúgubre, inda sim belo, com velas que não alumiavam de todo deixando uma meia luz, estavam espalhadas por toda parte. Havia alguns poucos monges que passavam de lá para cá sem perceber sua presença, ocupados acendendo os lâmpadarios e castiçais. Tinham tarefas a cumprir lá dentro e nada poderia interrompê-los, tão calmos e taciturnos eles eram.

Nelwen escondia-se nas sombras dos grandes pilares esperando o lugar ficar de todo vazio. Sua curiosidade a aporrinhava, induzindo-a a ir mais á frente; queria ver de perto o altar, lugar que desde menina ouvia dizer ser santo e puro. Talvez, achegando-se á ele sentiria algo diferente que pudesse lhe revelar quem ela era, ou seria um dia; não sabia que eram respostas que só poderia encontrar com o tempo. Olhou para os quatro cantos para ver se os monges já se haviam dispersado para fora. Sim, estava só na imensa nave, uma obra arquitetônica sublime em detalhes, criada com zelo e temor por aqueles que reverenciam a Deus.

Os pés descalços cruzavam o brioso templo. A cada passo Nelwen sentia-se entrando em outro mundo. Qual seria? Achegou-se e parou no meio do caminho, olhou para o teto elevadíssimo, queria guardar cada detalhe, pois certamente jamais voltaria aquele lugar, era mui arriscado, pensava consigo mesma cantarolando baixinho uma velha balada que a mãe lhe ensinara quando criança, e ela jamais esquecera. Fazia-lhe pensar que o ser de Deus era muito maior do que aquilo que aprendiam apenas pelas palavras dos monges; podia ouvi-lo em qualquer lugar que estivesse, fosse naquele templo ou na escuridão do bosque, e sabia que Ele conhecia sua voz:

"Mercê encontro em ti,
Sedento por tua graça;
revela-te, pois a mim,
todo o meu ser refaça."

Ele a ouviu. Subitamente Nelwen deu-se contas de que nem todos os padres haviam saído da nave, e lá estava aquele estranho de olhos azuis cativantes contemplando-a como se ela fizesse parte do espaço sagrado. Era de fato uma jovem bonita, e imóvel como estava, era como se fosse uma estatua bem feita. Ela parecia distante, talvez estivesse perdida. Seus olhos vidraram nas faces do monge; quem parecia mais surpreso no momento? Ambos. Uma atmosfera sobrenatural tão inexplicável fizera os pensamentos de Nelwen vazar pelos seus olhos; teve receio dele percebê-los.

- Estás perdida moça?

Nelwen demorou a responder formulando uma boa resposta. Ele era um padre, estava usando um daqueles longos mantos assustadores iguais aos dos que estavam lá fora, tinha os cabelos cortados numa tonsura, como os outros, no entanto, havia um "não sei o que" diferente; não era altivo nem tinha aspecto prepotente; era manso, com brandura a escapar-lhe pela voz, algo entre homem e anjo.

- Tu me achaste, – ela respondeu lutando por não abrir um sorriso.

- O que disseste? – indagou com um riso tímido.

A moça caminhou lentamente para ele temendo assustá-lo. Pois quê? Era um padre e não parecia nada confortável em estar sozinho

com uma jovem no grande santuário! Ela aproximou-se o suficiente para olhar bem dentro dos olhos claros como o céu; ele era límpido, como água, as águas calmas do corrego no bosque.

O monge reparou que ela não pertencia a Sherville, nunca a vira antes por lá, mas aparentava não ser de linha nobre devido as vestimentas. Deveria ser uma camponesa que viera fazer orações enquanto todos recebiam a comitiva de frades lá fora.

- Eu dizia que tu... – ela começou para responder a pergunta há muito feita, contudo, foi interrompida pela chegada dos monges que voltavam para o templo. Os olhos de Nelwen deram uma ligeira volta pelo salão inteiro até voltarem aos do monge, neste meio tempo pensara para onde correria; queria esconder-se, mas onde? O padre viu suas faces queimarem de repente, pareceu intimamente perturbada com a entrada deles, dizia isto sem palavras. Ele pensou consigo que poderia ser uma ladrazinha procurando esconderijo, o que faria a respeito era a questão.

Nelwen correu para esconder-se atrás de alguma das enormes colunas, nas sombras, lá se abrigaria até ser seguro e sair, mas e se o padre resolvesse delatá-la? Pois sim, o que pensaria de alguém que quer esconder-se? Certamente faria o mesmo em lugar dele, ou não.

Prior John dirigiu-se até ele trazendo consigo os hospedes ilustres que continuava perdido em pensamentos, olhava para Nelwen que parecia implorar seu silêncio; apenas ele sabia que ela estava ali e se a quisesse entregar seria ela a explicar toda aquela confusão sem motivos aparentes. Para ele de fato não fazia sentido, e muito embora não fizesse, olhar naqueles olhos escuros o fizeram refletir que poderia fazer aquilo, afinal, depois ela iria embora e pronto, lá fora já não lhe diria respeito. “Não custa nada, seja o que for que fez, não deve ser tão grave, mas... e se for uma feiticeira?” Ponderava consigo mesmo. Depois de muito pensar, chegou à conclusão de que seria só daquela vez para nunca mais.

- Sejam bem vindos, Dóminus pacem, (O senhor vos dê paz) – cumprimentou-os em reverência, porém, sempre olhando de viés para a escura pilastra ao fundo. – Desejo que vossa estadia seja agradável em nosso meio, e que possamos servi-los á contento.

- Certamente que já está á contento irmão, - retribuiu o frade que falava por todos da comitiva.

- Meu senhor, - o prior John chamou, – este é Daniel, é um grande apoio no serviço aqui em Sherville, apesar de sua pouca idade.

Daniel viera de longe cumprir exercer sua vocação sacerdotal. Para o prior John seria o primeiro nome na lista de seus substitutos um dia; um jovem homem dedicado à igreja e muito bem recomendado por seus ex-superiores. Daniel viera há alguns anos do monastério de *Sant'Judas Tadheu*, ao sul do país, um pequeno mosteiro construído próximo ao mar. Suas habilidades e dons teriam sido perdidos naquele fim de mundo isolado se seu antigo superior, um velho monge beberrão chamado Lucas, que o criara como filho desde seus nove anos, não o tivesse enviado para o condado de Castlebridge. Daniel fora deixado no monastério por sua mãe quando esta pagava uma promessa, a de que ele jamais morreria de fome, devido ao fato dela ser uma pobre viúva. Assim sendo, ela vendeu o que lhe restara para oferecer como "pagamento" pela entrada dele no mosteiro, algo que o deixou em extremo arrasado. Ela costumava visitá-lo uma vez por ano, mas depois de três anos não foi mais, e isto o deixou cada vez mais transtornado, quase rebelde, até que um dia descobriu que na verdade sua pobre mãe havia falecido, de tristeza talvez, o que agravou a situação ainda mais, pois fora exatamente durante sua entrada na adolescência. A vida de um jovem já não era tão simples assim num mosteiro, e diante de todos os acontecimentos, sua insubordinação, seus ataques de ódio e crises de medo noturno, Daniel fora ficando cada vez mais isolado; os monges passaram a vê-lo como um fardo pesado que carregavam. Irava-se fácil, nunca fazia algo sem antes reclamar por meia hora e tudo o que tocava fazia questão de quebrar; com o passar do tempo piorava. Até que um dia, depois de uns bons safanões do velho Lucas, após ter deixado todas as ovelhas do monastério que estavam ao seu encargo terem fugido, ouviu que já não poderia ser tolerado seu comportamento naquele lugar. Otimo! Pensou ele, quem sabe não me expulsam duma vez deste inferno?! Mas, para onde iria? Com quem conversaria e como se sustentaria?! Refletiu. Assim, saiu andando pela propriedade do monastério e depois voltou para falar com seu velho tutor em seu aposento, e tentar pedir perdão uma vez mais. Ao chegar à porta, ouviu-o orando e fazendo preces por sua vida, dizendo a Deus o quanto era amado aquele menino, e que sua pobre mãe sofrera tanto para tê-lo e dar-lhe o

melhor, não era possível que tanto sacrifício não fosse válido. Terminou por revelar até mesmo o verdadeiro motivo da decisão da mãe do menino em colocá-lo no monastério: que fora estéril e devido a isso sofrera muito nas mãos do marido, mas votou á Deus que se este lhe concedesse a dádiva da maternidade, ofereceria a criança como seu servo e ministro inda que isto lhe custasse a vida, e assim sendo nasceu Daniel, bem como o profeta Samuel na história da Bíblia. Aquela revelação fez nascer algo no coração do menino, e logo refletiu que todo o esforço de sua mãe, sua pressa em deixá-lo naquele lugar, inda que com pesar, seu desaparecimento repentino e sua morte tinham um motivo justo. Ele era um milagre de Deus, e assim sendo deveria voltar para Deus como prometera sua mãe.

Daquele dia em diante o menino rebelde converteu-se num jovem dedicado e abdicado de suas próprias vontades. Não mais respostas atrevidas ou caretas aos irmãos de celibato, não mais revoltas, não mais fulgas à noite. Passou a dedicar-se ao estudo do latim, Frances e todas as diciplinas ensinadas no mosteiro, ser o mensageiro quando necessitavam enviar mensagens ou buscar, e limpar a pequena igreja onde o serviço era realizado. O mais difícil fora lidar com as mudanças em seu corpo, sensações e vontades. Evitava sair e ir a feiras ou aos vilarejos próximos, preferia manter-se seguro dentro das paredes do monastério, longe da maldita luxúria que, vez por outra tentava achegar-se de forma expugnável á seus juvenis pensamentos.

Assim, muitos anos se passaram até tornar-se um homem com total domínio sobre si e ser enviado para outra parte do país; um homem voltado unicamente para o sacerdócio e disposto a dar o seu melhor todo o tempo. Estava em Shervillle a não mais de cinco anos, sempre muito prestativo, duma inteligência surpreendente para contas, idiomas e tudo mais quanto quisesse aprender. Mas acima de tudo, o que permaneceu depois de sepultado o menino rebelde, intolerante e intolerável, fora o brilho de seus olhos, capazes de alumiar a todos que o vissem, compreensíveis, fieis, cativantes.

Daniel, ela sussurrou de seu lugar como se cantasse, ou o próprio nome desejava ser pronunciado desta maneira. Nelwen não atreveu-se a repetir em seus pensamentos depois que percebera; era tarde para repreender-se, mas estava feito. Estática em seus sentidos arrebatados, sentiu que estava apaixonada. Ela ouvia o padre falar aos